

---

## **Jornalismo e alimentação nos TCCs do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e a memória da cultura na prática jornalística<sup>1</sup>**

Helena Maria Afonso Jacob<sup>2</sup>

### **Resumo**

Nos últimos 10 anos ( de 2010 a 2019), o curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero viu crescer o interesse dos alunos do último ano em relação ao tema alimentação e/ou culinária e gastronomia, como objeto dos projetos experimentais de conclusão de curso. Nesta comunicação iremos explorar os resultados iniciais da pesquisa, iniciada em março de 2020 no CIP (Centro Interdisciplinar de Pesquisa) da instituição. A pesquisa parte do pressuposto de que os tccs produzem semioses importantes dentro da função cognitiva do pensar jornalístico e que, por sua vez, constroem textos que carregam a memória da cultura e podem, assim, transformar ações contemporâneas da prática jornalística dentro da área da alimentação. Nessa perspectiva trabalharemos dados coletados na primeira fase da pesquisa, de março a setembro de 2020.

### **Palavras-chave**

Alimentação; jornalismo; projetos experimentais; semiose; memória da cultura

### **Introdução**

As questões que demarcam o sistema cultural da alimentação ascenderam bastante na pauta jornalística nos últimos 20 anos, especialmente desde o início da expansão tecnológica e a aquisição de dispositivos móveis por segmentos cada vez mais amplos, economicamente falando, da população brasileira. É comum que ao ter-se contato com a cultura globalizada da alimentação (Fischler, 2001), o tema alimentação acabe por se objeto de coberturas e reportagens no universo do jornalismo e do entretenimento com muito mais frequência.

Nos últimos 10 anos, particularmente, o sucesso dos realitys shows cujo tema principal é a gastronomia, como o famoso MasterChef, expandiu o campo dentro do jornalismo, fortalecendo e despertando atenção para narrativas que destacam mídia, cultura alimentar, nutrição ao encontro do interesse já antes consolidado, tais como conteúdo de receitas, memórias e guias culturais. Claro que precisamos destacar que esse momento de explosão - numa profunda semiose de representações e significados -

---

<sup>1</sup> Exemplo: Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora da Faculdade Cásper Líbero. Atual integrante dos docentes pesquisadores do CIP (Centro Integrado de Pesquisa) da Instituição. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP.

---

traz fatores que complexificam a abordagem, ora por estarem na esfera apenas do espetáculo, ora por serem tratados sem a devida complexidade esperada.

Visando discutir os processos semióticos da construção cognitiva realizada pelo jornalismo na área, esta comunicação pretende discutir a prática do chamado jornalismo de alimentação, mais comumente nomeado jornalismo gastronômico, dentro do contexto da produção prática realizada pelos projetos experimentais de TCCs (trabalhos de conclusão de curso) do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Utilizando dados parciais, por tratar-se de pesquisa em andamento - que vem sendo realizada no Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Instituição desde março de 2020, com prazo de conclusão para março de 2021 – objetivamos analisar a prática desse jornalismo gastronômico, em busca de um conceito da área que abarque a complexidade da temática na contemporaneidade. E que seja capaz, ainda, de representar os textos da cultura que daí resultam, neste caso, na esfera das produções jornalísticas.

A alimentação cruza e relaciona questões da de ordens múltiplas dentro do exercício jornalístico, que não estão ainda contempladas em tantas camadas. Mas que também não cabem mais em ordens tradicionais da prática, como editorias de cultura, comportamento e cotidiano, que não são capazes, sozinhas, de abarcar as teias complexos de sentido e representação – a não ser que abordemos uma prática interdisciplinar, o que já defendemos prioritariamente neste trabalho.

A partir dos interesses de graduandos dos últimos 10 anos dentro do curso mais tradicional e a antigo de jornalismo do Brasil<sup>3</sup>, o da Faculdade Cásper Líbero, visamos traçar um panorama de produção da área que ajude a balizar a produção já realizada e a futura e que possa apontar tanto para um Manual de Boas Práticas desta especialização, quanto para a criação de um conceito de gênero - menos provável -, ou de temática, mais possível e provável, dentro da práxis jornalística da área.

Acreditamos que a produção dos graduandos em jornalismo valida experiências e interesses deles durante a realização do curso e pode apontar caminhos para a prática profissional - e que pode mostrar ainda, dentro da discussão de produção de textos e de linguagens dentro das referências da semiótica da cultura, as características semióticas

---

<sup>3</sup> Há controvérsias sobre o fato de o curso de jornalismo da Cásper Líbero ser o primeiro do país, mas nos fundamentaremos no trabalho de Gisely Hime em “Construindo a Profissão de Jornalista: Cásper Líbero e a Criação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil”, disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125406421967807345272755170441800930965.pdf>

---

em disputa que podem representar a alimentação - defendendo-a como temática em si, e não mais relacionada sempre à cotidiano, cultura, saúde e economia, como vemos com frequência nas produções jornalísticas.

### **A prática do jornalismo nos trabalhos de conclusão de curso da Cásper Líbero**

O TCC (trabalho de conclusão de curso) é componente curricular obrigatório de formação dos graduandos do curso de Jornalismo, segundo as DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) atuais, implantadas em 27 de setembro de 2013. Quanto ao formato, “o TCC pode se constituir em um trabalho prático de cunho jornalístico ou de reflexão teórica sobre temas relacionados à atividade jornalística” (MEC, 2013).

No curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero é possível dizer que a grande maioria dos TCCs costuma ser de cunho prático, contemplando os diversos formatos possíveis para a criação de veículos de mídia. Vale ressaltar, inclusive, que no período de tempo recortado pelo *corpus* de pesquisa, de 2010 a 2019, houve intensa transformação e incorporação de formatos, dadas as inovações no cotidiano da profissão.

Outro ponto importante a destacar é que a autora deste artigo tem experiência com os TCCs do período proposto (2010/2019), pois foi Supervisora de Projetos Experimentais do curso de Jornalismo no período de 2010 a 2014; Coordenadora do curso no período de 2015 a 2018 e novamente Supervisora de Projetos Experimentais no ano de 2019. O conhecimento empírico da área alinha-se, no momento, à pesquisa desenvolvida no Centro Interdisciplinar de Pesquisa e às pesquisas desenvolvidas anteriormente, no mestrado e no doutorado, sobre o sistema cultural alimentação, ambientes midiáticos e linguagens nele produzidos.

Sobre os TCCs de jornalismo, cabe ainda destacar que o papel do projeto experimental, está contido entre o teste dos conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de formação mas, também, na palavra experimental. É fundamental que os graduandos sejam estimulados a testar linguagens, formatos e temas, visto que pode ser uma chance única na carreira deles, além de condição essencial para que o jornalismo teste novos formatos. Tal como discute Rafael Schoenherr (2011) :

Uma vez que o produto está em teste (é uma tentativa), interessam percepções do universo leitor que melhor elucidem sobre processos, opções e interesses situados na

---

elaboração do produto (que também é a elaboração, em alguma medida, de um ‘público leitor’ para o respectivo produto) (...) Isso já indica que o TCC deve contemplar, no mínimo, demandas outras (mais criativas, ousadas, relevantes) que aquelas habitualmente atendidas pelo mercado (cristalizadas em nichos consumidores e tipos padrão de informação) e acionadas em disciplinas de um curso (mais voltadas a determinada especialidade e competência da formação profissional em certo período da graduação). Longe de tais instâncias (de mercado e curriculares) serem descartadas, aposta-se muito mais na ideia de que é necessária uma triangulação ou uma relação triádica (de múltiplas determinações), se preferirmos, entre realidades de (a) mercado (que, aliás, vai além de grandes empresas do setor), (b) disciplinares/de curso e (c) de pesquisa – o que implica, entre outras coisas, investigar demandas de produtos e serviços jornalísticos nem sempre contempladas satisfatoriamente na atual disposição do circuito de produção, circulação e consumo cultural (idem, 2001: 82-83).

Acreditamos que observar tais desdobramentos das escolhas dos tccs, como formato, campos de estudo dentro da alimentação e características do projetos, mostram como a formação cognitiva de um “jornalismo gastronômico” pode ser compreendida pelo trabalho dos graduandos. Na apropriação dessa proposta triádica colocada por Schoenherr – mercado, características do curso e pesquisa – acreditamos haver indicadores importantes da prática, que esperamos identificar e detalhar ao final da pesquisa. Outra questão importante é a memória da cultura transmitida pelos textos, como pontuado por Lotman (1996: 89):

La tercera función del texto está ligada a la memoria de la cultura. En este aspecto, los textos constituyen programas mnemotécnicos reducidos. La capacidad que tienen distintos textos que llegan hasta nosotros de la profundidad del oscuro pasado cultural, de reconstruir capas enteras de cultura, de restaurar el recuerdo, es demostrada patentemente por toda la historia de la cultura y de la humanidad. No sólo metafóricamente podríamos comparar los textos con las semillas de las plantas, capaces de conservar y reproducir el recuerdo de estructuras precedentes.

Assim, os TCCs podem ser considerados textos da cultura que operam como assemelhanças de práticas jornalísticas que vão se estabelecendo e padronizando quando os graduandos passam a ser profissionais. Ou podem, ainda não germinar, e nada mudar. Como componente curricular obrigatório para a formação jornalística, o projeto experimental atua como um lançador de semestres, advindas da inovação, que podem ou não germinar - para aqueles trabalhos que trouxeram bons resultados para a temática alimentação esperamos, ao fim da pesquisa, poder compilar esses dados no já referido Manual de Boas Práticas.

---

### **Jornalismo “gastronômico”: cultura, entretenimento e debate público**

Tal como conceituado e estudado por José Marques de Mello (2013), o jornalismo pode ser dividido em seis gêneros no Brasil: informativo (vigilância social), opinativo (fórum de ideias), interpretativo (papel educativo, esclarecedor), diversional (distração, lazer) e utilitário (auxílio nas tomadas de decisões cotidianas).

Nesta divisão, já bastante complexa em si, o jornalismo relacionado à temática da alimentação pode, a princípio, enquadrar-se dentro do jornalismo cultural, área, por si, carente de definições e plena de usos complexos, como a associação do cultural ao erudito. Há ainda a questão de disputa entre os conteúdos de entretenimento, que pertenceriam à cobertura do jornalismo cultural, mas sem o mesmo peso de valor-notícia sério delegado aos assuntos das belas artes, por exemplo.

A discussão entre o entretenimento como temática da diversão e a informação que visa informar e oferecer conhecimentos práticos aos públicos do jornalismo, o serviço, acaba por se materializar no conceito de infotenimento, bastante polêmico e ainda pouco problematizado no Brasil:

O papel de divertir no jornalismo ao longo do tempo tem recebido diversas denominações: diversional, cultural e entretenimento. O primeiro refere-se às histórias de interesse humano e perfil, entre outras, que procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens. Já o cultural inclui desde os suplementos de jornais às revistas especializadas sobre cinema, literatura, artes, espetáculos e televisão. Por fim, o de entretenimento aborda os assuntos mais variados, tais como gastronomia, moda, beleza, culinária, saúde, celebridades, etc.

Entre eles o jornalismo cultural parece ser o mais elitizado, pois busca atingir um público das classes A e B, com matérias sofisticadas. Porém, se observarmos como o público se comunica nos dias atuais, notaremos que esses conceitos acabam por expressar as mesmas significações, alcançando praticamente o mesmo público. Isso porque um leitor do caderno de política também está exposto ao caderno de turismo e cultura. Diante disso, nos últimos anos, tem-se defendido o uso de uma nova denominação para melhor definição do tema. Essa mais recente é constituída pelo neologismo INFOtenimento. Tal termo surgiu na década de 1980, mas só ganhou fora no final dos anos 1990, quando passou a ser empregado por profissionais e acadêmicos como sinônimo daquele jornalismo que traz informação, prestação de serviço e ao mesmo tempo oferece divertimento ao leitor (DEJAVITE, 2006: pag 71).

Assim, a tensão entre os temas que seriam válidos e sérios da cultura e aqueles que seriam levianos e do entretenimento, ainda mantêm-se no jornalismo em pleno século 21, desconsiderando que temas relacionados ao que e ao como comemos são de importância formativa para as sociedade – e que, portanto, não cabem na definição apenas de entretenimento e nem na de infotenimento, o que pretendemos discutir com a

---

pesquisa sobre a produção jornalística dos graduandos. Ballerini (2015)<sup>4</sup> recupera o pensamento Amparo Tuñón San Martín, que classifica o jornalismo cultural do seguinte modo:

Para San Martín, por exemplo, o jornalismo cultural calcou-se em três paradigmas básicos: cultura/informação; cultura/conhecimento e cultura/acontecimento. Por cultura/informação, entendemos que o autor se refere aos cadernos diários de cultura e às notícias instantâneas na internet. Por cultura/conhecimento, ao perfil das revistas culturais e dos cadernos dominicais. E, por cultura/acontecimento, aos chamados roteiros, guias e serviços, publicados principalmente às sextas-feiras.

Sem dúvida o jornalismo “gastronômico” ganha destaque neste contexto justamente pela produção de conteúdos direcionados especialmente à prática da cultura/conhecimento, cobrindo dicas de onde comer presentes dos guias culturais. Há ainda a vertente do como cozinhar, mais relacionada à culinária e menos emblemática, funcionando, em geral, como suporte da gastronomia. A denominação da área temática parece vir justamente desse tipo de exposição. A discussão sobre a prática dos tccs, que será realizada no próximo tópico, mostra esse *modus operandi* do *corpus* analisado.

Mas defendemos aqui a necessidade de discutir a definição da área temática de modo mais amplo e adequado à contemporaneidade, recuperando a dimensão do cultura/conhecimento e cultura/informação, relacionando ambos e oferecendo a complexidade de dimensões de interesse público que o comer e cozinhar demandam na sociedade humana, tais como segurança alimentar, mudanças climáticas e produção alimentar, pressões sociais e estéticas, dentre outras camadas.

Chaparro (2007: 143) discute a pragmática do Jornalismo em obra do mesmo nome e faz considerações que corroboram a necessidade de ampliação da definição da temática alimentação na cobertura jornalística contemporânea:

Sendo o jornalismo um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis, esse processo só se concretiza se os fazeres jornalísticos (envolvendo o uso de técnicas para a produção e uma expressão estética) forem cognitivamente controlados por intenções inspiradas em razões éticas que dá sentido a esse processo.

---

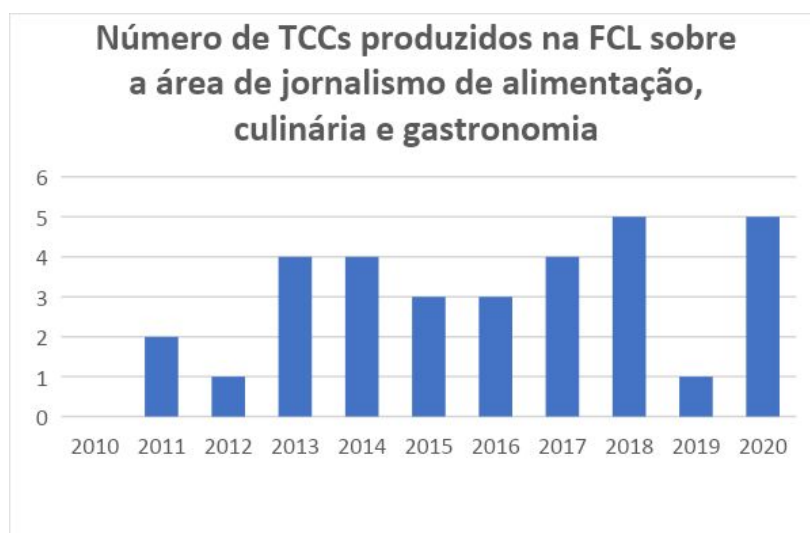
<sup>4</sup> BALLERINI, Franthiesco. *Jornalismo cultural no século 21* (Locais do Kindle 365-369). Summus Editorial. Edição do Kindle.

Lotman (1996:24-25) também contribui para esse ponto com a discussão sobre fronteira na semiótica da cultura. lembrando que os textos originados na linguagem jornalística operam sempre na fronteira com outros textos - caso dos jornalismo especializados, área de estudo e pesquisa que emula a divisão dos veículos de imprensa em editoriais. Assim, para delimitar o espaço semiótico (portanto, a semiosfera) da alimentação, precisamos estabelecer as fronteiras que o delimitam e pelas quais são realizadas trocas com outros sistemas.

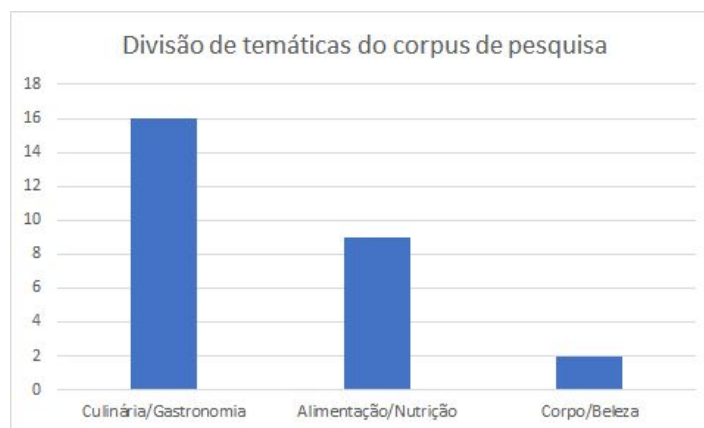
Os Tccs do curso de jornalismo da Cásper Líbero podem apontar tanto os mecanismos de memória como de delimitação de espaços semióticos, conforme veremos ao discutir alguns pontos já observados na amostra dos tccs a fim de levantar questões que auxiliam na busca do cumprimento deste objetivo.

### **A prática dos projetos experimentais na temática alimentação**

A fim de parametrizar o corpus da pesquisa que vem sendo realizada e discutir análises preliminares, trazemos alguns dados importantes. O curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero teve 27 TCCs no período de 2010 a 2019 cujo grande tema foi a alimentação, assim distribuídos (incluiu-se o ano de 2020, ainda em produção, a título de amostragem da permanência do interesse pela temática):



Do total de 27 TCCs realizados sobre o tema, os dados levantados (excetuando-se 2020, que não faz parte do corpus de pesquisa) nos dão o gráfico acima, dividindo a produção pelos anos estudados.



Quanto à divisão de temas, observamos a predominância dos produtos que repetem a fórmula editorial dos guias de gastronomia, muitos deles ligados à memória de populações, pratos, receitas. Aliás, a receita é predominante e aparece em vários TCCs, repetindo uma prática comum e histórica no jornalismo de entretenimento, que tem grande apelo perante os públicos, especialmente o feminino. Esse tipo de edição remete à discussão sobre o infotimento, conceituado no Brasil por Fábila Dejavitte (idem, 2006) – afinal, guias de onde comer e onde temos a melhor coxinha tanto fornecem serviços aos públicos (endereços e preços, dentre outros) quanto divertem, pois trabalham o aspirar a comer ou preparar alguma comida.

O infotimento define o espaço dedicado no jornalismo a divertir e a informar ao mesmo tempo, atraindo o público com mundos interessantes e, muitas vezes, distantes da realidade dessas pessoas. Por isso os chamamos de aspiracionais. Em geral, a linguagem da gastronomia, inclusive, está profundamente relacionada à visibilidade do espetáculo definido por Debord (1997) na tese 4 de *A Sociedade do Espetáculo* como a relação social mediada por imagens, acaba por se destacar e atrair muitos graduandos que gostam dos prazeres da mesa – particularmente aqueles gostam mais de comer do que de cozinhar.

Entram aí também as questões de alta exposição midiática de realitys shows e outros programas televisivos – e que contam com ampla divulgação no digital,



particularmente nas redes sociais – que agendam conversas da opinião pública, especialmente nos últimos 10 anos<sup>5</sup>. No entanto, cabe lembrar que tais agendamentos pertencem à esfera capitalista de produção, sempre alimentando anseios de viagens e de comidas especiais, dentre outros, e alinhando-se, assim, à principal produção jornalística observada na amostra de TCCs:

Podemos afirmar que se a gastronomia é superexposta na contemporaneidade, tal fenômeno não se dá por um interesse comum pelo tema e sim por uma construção capitalista, que une o prazer proporcionado pela comida aos produtos midiáticos da indústria dos alimentos em ascensão. No capitalismo, qualquer interesse que pareça ser espontâneo será prontamente abraçado pelas estratégias de consumo e de publicidade, gerando ainda mais exposição desse interesse. Assim, a farta midiática da gastronomia também advém das estratégias de publicidade e o interesse de canais de televisão, jornais, revistas, livros e mídias digitais pelo tema só se sustenta ao ter arcabouço monetário (JACOB, 2013: 139).

Dentro desta temática das questões da gastronomia e da culinária, privilegiando o serviço de guia e a memória cultural do cozinhar e do comer, tivemos os seguintes trabalhos (17 dentro da amostra de 27 tccs no total):

Nome do trabalho	Gênero	Ano
<i>Aos Bocados - um almanaque sobre os sabores de SP</i>	livro-reportagem (almanaque)	2011
<i>Comer e Rezar - as festas italianas de SP</i>	livro-reportagem	2011
<i>A volta ao mundo em 50 restaurantes</i>	livro-reportagem (guia cultural)	2012
<i>Comida de Rua - Um guia da baixa gastronomia em São Paulo</i>	livro-reportagem (guia cultural)	2013
<i>Comida Filandesa em São Paulo</i>	livro-reportagem	2013
Manual da Coxinha	Manual multimídia	2013
Bake Me Now - Jornalismo Gastronômico às avessas	<i>Documentário</i>	2014
Aquilo que não cabe no prato - Histórias de quem ajudou a construir a gastronomia paulistana	livro-reportagem	2014
O Lado B do Vinho - Nova rota do vinho brasileiro	livro-reportagem	2014
A feira é livre: retrato das feiras livres de SP	livro-reportagem	2015
Gastronomia oriental no bairro da Liberdade	livro-reportagem (guia cultural)	2015
As pessoas que fazem o Mercado	Documentário	2015
Cultura e gastronomia no bairro da Moóca	livro-reportagem	2017
Sabores da memória e outras histórias - Uma viagem pela culinária	livro-reportagem (guia cultural)	2018

<sup>5</sup> O principal reality show deste segmento, o programa MasterChef, produzido e transmitido pela Band, estreou no Brasil em setembro de 2014, elevando a exposição do tema gastronomia e derivando muitos outros programas do gênero, com alto engajamento nas redes sociais, especialmente no Twitter.

Receita de família - como famílias de imigrantes mantêm vivas culturas e tradições através do preparo da comida	livro-reportagem	2018
Casa Godinho: a história do primeiro patrimônio cultural imaterial de São Paulo	Documentário	2018
Com café eu vou, café não costuma falhar	Documentário	2018

A outra área temática explorada pelos TCCs do curso de jornalismo foi a da alimentação/nutrição, correspondendo a discussões sobre os efeitos das escolhas alimentares, destinação de resíduos, consumo consciente, mudanças climáticas, dentre outros. Nesta categoria temos os trabalhos de cunho mais sociológico, inclusive, visando entender as implicações de questões relativas ao espaço social alimentar, que podem ser políticas, econômicas e culturais.

Jean-Pierre Poulain discute em *Sociologias da Alimentação* (2004) o papel do alimento como central ponto constitutivo de uma série de sociabilidades que moldam nosso cotidiano:

Colocar a cozinha e as maneiras à mesa como representação dos valores de uma cultura e, conseqüentemente, como lugar de identidades culturais, é um programa sociológico que apresenta um certo interesse, mas não basta ainda para fundar uma sociologia da alimentação (idem, 2004: 153).

Acreditamos que cabe também à formação cognitiva operacionalizada pelo jornalismo, como retratista e analista do desenvolvimento da cultura e das sociedades, papel fundamental na delimitação deste campo. Nesta questão, destacamos o pensamento de Meditsch (2003:7)<sup>6</sup>: “O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais”.

Assim, a práxis jornalística ligada à alimentação dá mostras de precisar ampliar o escopo para definir-se como gênero particular dentro do jornalismo, mas acreditamos que ainda transita melhor na definição de temática, visto abarcar questões que transitam nas fronteiras entre comunicação, nutrição, cultura, saúde, política e economia.

É justamente pela pauta aumentada, que tira a alimentação do campo apenas do entretenimento ou da saúde, e a leva para a esfera da diversão e do lazer que mudaram o mundo como motores de transformações históricas (JOHNSON, 2016), mas mais ainda

---

<sup>6</sup>MEDITSCH, Eduardo. *A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. SOPCOM, Lisboa. IN: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-filosofia-paulo-freire.pdf>. Acesso em 8 de outubro de 2020.

para a complexidade de pautas urgentes como as mudanças climáticas, que destacamos essa potência formadora do jornalismo. E que encontra ainda mais ressonância no trabalho de jovens graduandos que estão testando formatos e modelos de apuração, edição e finalização.

Dentro desta temática das questões da alimentação e da nutrição, discutindo temas relevantes para a sociedade, tivemos os seguintes trabalhos – 8 (oito) dentro da amostra de 27 tccs no total:

Nome do trabalho	Gênero	Ano
Você tem fome de quê?	Documentário	2014
<i>Nutrição Subversiva: alimentação e saúde infantil</i>	livro-reportagem	2015
<i>Alimentos ultraprocessados: a droga liberada</i>	Portal Multimídia	2016
<i>Antes que vire lixo</i>	Documentário	2016
<i>O slow food ante à cultura alimentar destrutiva</i>	Portal Multimídia	2017
<i>Caminhos para o desapego: o movimento freeganista e a prática do consumo consciente</i>	Documentário	2017
<i>Por dentro do prato</i>	Portal Multimídia	2018
<i>O problema é seu – alimentação e escolhas alimentares</i>	Documentário	2019

Por fim, temos 2 (dois) trabalhos que discutiram questões de corpo, beleza e estética que se relacionam com a alimentação, embora sejam mais cotidianamente cobertos pelas editorias de Saúde e de Comportamento. São eles:

Nome do trabalho	Gênero	Ano
Por um Manequim	Documentário	2013
<i>A vida é mais fácil para quem é magra</i>	livro-reportagem	2017

Dentro da superexposição midiática da alimentação contemporânea, que oscila entre as questões de fome, insegurança alimentar patentes em todo mundo e a abundância de redes sociais como Instagram, que trazem exageros e consumo exacerbado em várias esferas, acreditamos que as questões decorrentes da opressão estética pela magreza estão diretamente relacionadas ao sistema cultural da alimentação e, portanto, às pautas jornalísticas deste natureza.

Naomi Wolf em *O Mito da Beleza* (2018), pontua que frente aos direitos conquistados pelas mulheres nas últimas décadas, a sociedade patriarcal aumentou a vigilância dos nossos corpos, transformando a magreza em obsessão midiaticizada e presente em todas as classes sociais. De fato, a pressão estética só ficou mais forte com a ascensão das redes sociais na última década, por exemplo, mas Louise Foxcroft (2013)

---

traça um cenário de milênios de opressão pela beleza e pelo corpo magro em *A Tirania das Dietas*, mostrando o controle exercido pelo patriarcado e pelo capitalismo quanto ao corpo feminino. Como a alimentação - o comer pouco ou nada -, tem papel de destaque nessa complexa equação, defendemos que reportagens e pautas desta área também pertençam à temática. Como mostram os primeiros dados da pesquisa, o entrecruzamento existe, mas precisa ser mais explorado e fortalecido, validando as pesquisas sobre as sociologias da alimentação propostas por Poulain (2004).

### **Análise inicial do material coletado**

Considerando estes dados preliminares já podemos começar a desenhar algumas questões sobre a produção realizada pelos graduandos em jornalismo nos TCCs analisados. Lembrando aqui que estão sendo realizadas entrevistas com egressos e professores orientadores, a fim de entendermos aquilo que motivou esse tipo de produção e quais os resultados observados por autores e orientadores - esperamos, com isso, entender como a memória da cultura pode atuar nas representações da semiosfera da alimentação na cobertura jornalística contemporânea.

Lembrando que Lotman (1996) define semiosfera como espaço semiótico delimitado justamente pela fronteira, acreditamos que a troca de informações entre os sistemas jornalísticos, tanto de práticas anteriores quanto as contemporâneas do momento de realização dos tccs, possam mostrar como as modelizações<sup>7</sup> dos textos da cultura ocorreram - criando novos textos que afetam a produção da área.

A primeira questão observada é a preferência destacada dos alunos pela temática da culinária e da gastronomia, explorada especialmente na combinação do formato de indicar onde comer, a história e a cultura dos pratos e publicação de receitas. Vários tccs usaram, inclusive a palavra guia na descrição do formato. Este modo de fazer cultura/acontecimento atua como agenda cultural e, além disso, encontra grande reverberação nas redes sociais. É em tais redes, inclusive, que conteúdos de alimentação destacam-se em inúmeras frentes: no universo fitness, no universo da gastronomia como técnica e em redes sociais que, inclusive, nasceram e se expandiram na perspectiva dos

---

<sup>7</sup> Modelizações entendidas aqui na perspectiva de práticas e/ou ações culturais “cuja organização depende de processos estruturais, tais como aqueles sob os quais se constrói a linguagem natural (MACHADO, 2003: 49).

---

públicos fotografarem e compartilharem aquilo que comem, em maior proporção, e aquilo que cozinham, em menor proporção – caso do Instagram.

Há que se considerar tais escolhas como esperadas dentro de uma escola de jornalismo tradicional, que destaca no ensino e na prática a função da reportagem e do serviço jornalístico, como a Cásper Líbero. Além disto, é praxe na instituição que os graduandos se coloquem no mercado de trabalho, inclusive em posições de estágio nas redações tradicionais da área cultural, desde os primeiros anos de curso. Assim, ao final, a escolha pela produção do TCC muitas vezes reflete tal realidade.

Destacamos ainda a mimese dos modos tradicionais de produção jornalística que tendem a se perpetuar continuamente - se por um lado tal ação é necessária e presta serviço aos públicos, por outro ela precisa ser inovada e revista para atender as complexidades do contemporâneo. Como, por exemplo, problematizando a elitização da produção, que acaba por privilegiar os centros urbanos das grandes cidades, assim como populações economicamente favorecidas, destacando grandes viagens e acesso a produtos caros e sofisticados, sem conseguir representar tamanha diversidade como a da território brasileiro. Tais práticas remetem à “erudição” do jornalismo cultural e não contemplam a diversidade necessária e que represente uma comunicação de real interesse público e não apenas dos públicos.

Outra consideração já materializada é o interesse dos graduandos em temas relacionados à nutrição e às escolhas alimentares. Esse tipo de escolha aumentou nos últimos cinco anos do *corpus* pesquisa, provavelmente relacionadas ao cenário de mudanças climáticas e da fome que ainda persiste no mundo globalizado e com excesso de produção de alimentos nos grandes centros - fome que decorre de uma ação de produção capitalista por excelência.

Analisando tal ponto a luz da memória da cultura, que coloca que “a memória comum para o espaço de uma cultura dada é assegurada, em primeiro lugar, pela presença de alguns textos constantes e, em segundo lugar, ou pela unidade dos códigos ou pela sua invariância (LOTMAN, idem: 157). Neste caso, a persistência de modelos arraigados do como fazer conteúdo jornalístico na área de alimentação parece acontecer pela repetição da produção de textos iguais e da recombinação de códigos da área nas mesmas combinações. Mas a memória também se transforma justamente na variação do uso de códigos e de textos: o mesmo tema alimentação tratado por meio de outras

---

complexidades que lhe são inerentes podem trazer reflexão e novas práticas, e até mesmo ajudar na definição da temática.

A análise deste ponto é, sem qualquer dúvida, a mais importante na pesquisa proposta pois acreditamos, como hipótese de trabalho, que é este o direcionamento principal que deve ser adotado nesta temática e que norteará importantes avanços do jornalismo no debate público. E que pode, ainda ser o principal tópico constituinte do almejado Manual de Boas Práticas jornalísticas na temática alimentação, contribuindo assim para a definição da área na práxis cotidiana.

Por fim, observamos pequena, mas com potencial de crescimento na próxima década, incidência de temáticas de discussão dos efeitos da alimentação no corpo e na estética das pessoas, especialmente das mulheres. Assim temos um caminho para aumentar a discussão da ordem da complexidade, dilema já conhecido, mas ainda não transformado, da prática jornalística como atuante no processo de disseminação de pressões estéticas por meio de corpos perfeitos e de magreza - questões relacionadas em grande parte à alimentação.

Se a problemática costuma aparecer nas temáticas de moda e beleza dentro do jornalismo, é muito importante que seja também relacionada à discussão sobre práticas alimentares, tanto gastronômicas quando culinárias, pois se relaciona inclusive a questões econômicas. Um exemplo da questão é a cobertura de fatos jornalísticos da produção de quinoa, no Peru, e de abacate, em todo mundo, que foram pressionadas a aumentar, com prejuízo de produtores originários e de ecossistemas, para suprir a demanda por alimentos que ajudam em regimes e dietas da moda.

Tais exemplos certamente serão mais explorados em futuros artigos e produtos decorrentes da pesquisa, pois abarcam muito da complexidade que defendemos e julgamos fundamental para a discussão. E neles buscaremos entender como se processam as construções e ressignificações da memória da cultura, dentro da análise mais aprofundada do *corpus* de pesquisa proposto.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BALLERINI, Francesco. *Jornalismo Cultural no Século XXI*. São Paulo: Summus Editorial, 2015 (ebook Kindle).
- DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto: 1997.
- DEJAVITE, Fábila. *Infotainment: informação + entretenimento no jornalismo*. São Paulo, Editora Paulinas: 2006.

- 
- FISCHLER, Claude. *L'Homnivore*. Paris: Odile Jacob Poches: 2001.
- FOXCROFT, Louise. *A Tirania das Dietas*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.
- HIME, Gisely. Construindo a Profissão de Jornalista: Cásper Líbero e a Criação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil. São Paulo, Portcom-Intercom. In: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125406421967807345272755170441800930965.pdf>. Acesso em 8 de outubro de 2020.
- JOHNSON, Steven. *O poder inovador da diversão: Como o prazer e o entretenimento mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2016.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal – ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera I*. Madrid: Editora Cátedra, 1996.
- MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. *A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. SOPCOM, Lisboa. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-filosofia-paulo-freire.pdf>. Acesso em 9 de outubro de 2020.
- MELLO, José Marques de. *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Paulo, Editora Metodista: 2013 (ebook Kindle).
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. *Diretrizes Nacionais para o curso de Jornalismo*. Brasília, 2013.  
In: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento\\_final\\_cursos\\_jornalismo.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf). Acesso em 8 de outubro de 2020.
- POULAIN, Jean Pierre. *Sociologias da Alimentação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.
- SCHOENHERR, Rafael. Considerações sobre validade de produtos de tcc em Jornalismo. *Revista Brasileira De Ensino De Jornalismo*, 1(8): 2018. In: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/258>. Acesso em 8 de outubro de 2020.
- WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.